



Revista Portuguesa
de

irurgia

II Série • N.º 5 • Junho 2008

Órgão Oficial da Sociedade Portuguesa de Cirurgia

Página da S.P.C.

Amadeu Pimenta

No início do mandato da nova Direcção, não queria deixar de salientar a honra que para nós constitui termos sido eleitos para assumir os destinos da Sociedade Portuguesa de Cirurgia. Esta honra, é acentuada pelo facto de coincidir com os 30 anos de existência da Sociedade. E, se me permitem que o exprima, este sentimento vem envolto numa onda de nostalgia, uma vez que esta Sociedade se iniciou com a Presidência do Prof. Doutor Joaquim Bastos, e é grande a admiração e o carinho que por ele sempre senti.

Sublinho este facto, com emoção e respeito, uma vez que iniciei o meu internato de cirurgia no Serviço de Propedêutica Cirúrgica, do Hospital de S. João, no Porto, sob a direcção do Professor Bastos, um Homem com carisma peculiar, de elevados valores éticos e deontológicos, de conhecimentos profundamente meditados, de grande cultura, de técnica cirúrgica rigorosa e um comunicador excepcional, que o tornou no grande Professor que era.

A figura de Joaquim Bastos, ainda hoje é lembrada com respeito e saudade por todos quantos com ele privaram. Por este facto, à honra que sinto por ter sido eleito acresce a preocupação de não desmerecer o vulto que se perfilou como primeiro Presidente há 30 anos, o que torna a tarefa a que me proponho meter ombros um pouco mais difícil, mas simultaneamente estimulada pela vontade de manter o nível daquele e dos outros Presidentes que se lhe seguiram. Tive o privilégio de colaborar nas direcções presididas por Carlos Alves Pereira, João Patrício, José Guimarães dos Santos e Jorge Santos Bessa, que concorreram para a minha formação e muito contribuíram para o crescimento, projecção e notoriedade da Sociedade Portuguesa de Cirurgia.

A nova direcção procurará dar continuidade ao labor das direcções anteriores e atingir os novos objectivos que propôs no manifesto eleitoral, privilegiando a qualidade, o sentido de responsabilidade e o respeito pelo Homem doente.

Preocupar-nos-emos com a transmissão da relevância que tem, para o exercício da cirurgia, o acompanhamento empático e compassivo do doente, o aprofundamento constante dos conhecimentos científicos, a actualização das técnicas cirúrgicas e a investigação científica, muito particularmente a investigação clínica.

Continuará a ser uma prioridade, estimular os cirurgiões a escrever os resultados da experiência que vão acumulando e as reflexões que vão amadurecendo sobre a prática clínica e sobre a investigação, na nossa e noutras revistas. De igual modo, será incentivada a participação activa no Congresso Nacional que realizamos anualmente, pela oportunidade que dá a todos, e sobretudo aos mais novos, de abrir novas janelas e proporcionar ângulos diferentes por onde podem observar as técnicas e o conhecimento actualizado.

As reuniões “Um dia/Um tema”, os Cursos de laparoscopia básica e avançada e reuniões sobre técnica, para internos, “ Como eu faço...”, irão ter um lugar relevante na formação dos cirurgiões. Procuraremos atear nos mais novos o sentimento de necessidade da cultura não médica, que complementa a figura do cirurgião. Estou convicto que é o conhecimento científico, a técnica actualizada e a boa prática médica, aliados ao respeito pela ética e deontologia e ao tratamento empático e humanizado do doente, o que torna o cirurgião num profissional res-



peitado pela sociedade civil. Mas, o cientista que não possui habilidade técnica nunca poderá ser bom cirurgião. E o cirurgião tem de ser um virtuoso.

Porque todos nós assistimos nas últimas décadas a um decrescer da procura da especialização em Cirurgia Geral por parte dos jovens médicos, ou, pelo menos, esta especialidade não é seleccionada, como primeira escolha, pelos mais classificados, haverá a preocupação de debater matérias relacionadas com o exercício da actividade profissional. É um fenómeno, como é sabido, não exclusivo das nossas gentes, mas que pode ter tido como raiz o descuidar das vertentes que referi.

Para, hoje em dia, motivar um jovem a abraçar uma especialidade que requer entrega total a uma carreira fatigante, onde só o estudo permanente e a prática árdua e empenhada permitem atingir o fim desejado, o caminho passa por tornar de novo o cirurgião naquele profissional que é olhado com respeito, porque responde ao que dele se espera: uma ajuda nunca negada, actualizada, humana, cientificamente correcta e tecnicamente virtuosa e atempada. É objectivo muito alto, mas muitos antes de nós o atingiram, com a certeza de que na cirurgia não existem génios (ou os génios são escassos). Tudo tem que ser cultivado ao longo do nosso percurso de cirurgões.

Acredito que a motivação mais forte e aquela que faz com que, apesar de todas as contrariedades, haja ainda jovens motivados a enveredar pela especialidade de cirurgia geral, é a vocação, “ o desejo interior, que se sobre põe a outras solicitações “, de oferecer ao ser que sofre duas mãos hábeis, aptas a agir, harmoniosamente, em concordância com os conselhos ditados pela inteligência. É este, certamente, o sentimento que os leva a esquecer as longas horas passadas no recolhimento da sala de operações, onde, sob forte stress, luta contra situações de grande angústia.

Os governantes têm que estar atentos e aperceber-se que de ano para ano vão sendo cada vez menos aqueles que resistem ao apelo de outras especialidades, certamente mais compensadoras economicamente e proporcionadoras de uma vida mais tranquila. É importante que despertem e tomem medidas urgentes antes que o País venha a sofrer as consequências duma política de falta de incentivos para que esta especialidade, de âmbito geral, não se venha a reduzir drasticamente, com os prejuízos graves que daí advêm. Há que dar incentivos aos cirurgões gerais, estimular a procura da especialidade pelos mais jovens e abster-se de tomar decisões que lhes sejam desprestigiantes, antes que “o culto da indiferença” assente arraiais. É preciso que não despertem quando já for tarde e tenhamos que importar cirurgões de qualidade inferior para tratar os nossos doentes e a nós próprios quando formos mais velhos e incapazes de decidir.

